

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 5-1.º ANO

Director: PINTO QUARTIM

Publica-se ás 5.ªs feiras

Editor: JAIME DE CASTRO

Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Redacção e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Comp. e Imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

A defesa nacional

Os emprezarios da «defeza nacional», apoz o completo fiasco soffrido na capital, onde o público lhes deixou as casas literalmente às moscas, teimam na sua cruzada heroica, voltando olhares anciosos e magoados para a provincia, que se supõe ser mais ingénua e confiada.

Que a provincia faça ouvidos de mercador, como fez o povo de Lisboa, ao qual os egrégios patriotas e guerreiros, de espada à cinta ou em pantufas de orela, mataram inutilmente o bicho do ouvido.

O povo da provincia ha-de cuidar, pelo barulho do zabumba tão atroadoramente surrado pela imprensa de grande circulação, que isto por aqui é um delirio de patriotismo e militarismo ezaltado, que o Zé pagante da cidade não pede outra coisa senão suar, gemer, largar os últimos vintens, para armar «formidavelmente» a «democracia», inchando a lusitana rã a qualquer boi estrangeiro.

Se tal imagina, está o Zé provinciano redondamente enganado: houvé parlendas que se não realizaram por falta de assistentes, e as outras foram melancolicamente recitadas a meia duzia de gatos, hoje esfalfadas de correr de uma banda para a outra do populoso burgo, para ouvir os mesmos estafados logares comuns.

E foi precisamente por isso que não nos incomodámos muito com a desenxabida propaganda militarista, toda feita de magros sofismas burguezes e de pontos de vista interessados, incapazes de prender a atenção das massas e de as convencer.

Esperamos que o povo das provincias acolha com a mesma sensata indiferença a cega-rega fastidiosa dos que pretendem levar à maior descalabro e maior miseria o país de cuja defeza tanto se ocupam... em discursos.

O povo que trabalha e produz bem sabe que fardos e encargos já os tem em demasia; que o militarismo é uma pesadíssima carga improduttiva; que a paz armada não evita a guerra, mas pelo contrário cria e desenvolve um partido guerreiro e militarista, fomenta o

espírito militar e agressivo, promove e provoca alianças perigosas e conflictos. E sente sobretudo que, se alguma coisa há que defender, por parte dos sem-eira-nem-beira, essa defeza é muito mais bem garantida pela criação duma riqueza produtiva, pelo desenvolvimento industrial, agrícola e comercial, pela generalização da instrução, do que pelo aumento de armamentos, que só servem para trazer dívidas insolúveis, encargos insuportaveis, parasitismos tenazes e sugadores.

Assim, por exemplo, se na Alemanha se fala em espropriar Portugal das colónias nominalmente suas, dando-se como razão o seu atraso e incapacidade, já a respeito da Bélgica e Holanda não são apresentadas as mesmas pretensões e justificações.

O desenvolvimento do militarismo — e nisto não saímos

do terreno dos nacionalistas guerreiros — não garante a defeza dum país pobre e pequeno, defeza aliás hoje impossível pela força das armas: esse agravamento de encargos leva á bancarrota e á ruína, leva á perda da independência *de facto* e á intervenção estrangeira, franca ou disfarçada. E é sabido que a finança internacional favorece essas loucuras militaristas dos Estados pobres, para os vir a ter sob o seu domínio, assim como o grande proprietario empresta ao pequeno para lhe lançar a unha á minguada nesga de terra.

Diga, pois, o povo da provincia aos illustres «patriotas» que o deixem socegado e não tentem tornar ainda mais insuportável a vida do trabalhador neste país, cujos naturais procuram cada vez mais uma problemática e quase sempre illusoria ventura... em outra «pátria» distante.

Para defender uma «pátria» é preciso começar por possuir nela alguma coisa e não ter de a abandonar.

Factos e comentarios

Negocio de armas

Um jornal atribue ao sr. José Barbosa, grande da Republica, a opinião de que os governos devem estar munidos de todas as armas, a fim de poderem governar.

De todas será de mais. Das de S. Francisco, por exemplo, não deve deixar de estar munido o povo para as competentes saudações.

A vindicta

Ante a condenação á morte de alguns dos chamados bandidos trajicos, refila o sr. Brito Camacho:

«Não é provavel que o sr. Poincaré use da sua clemencia para com essas tristes e odiosas personagens».

Tristes e odiosas, talvez. Mas bem mais triste e odioso o julgamento, como lijeiramente mostrámos a semana passada. Não basta isso ao chefe unionista para lhe refrear o espirito justiceiro?

Coisas marciais

Com este mesmo titulo publicámos aqui um eco referente ao facto de, no ultimo julgamento de conspirantes, haver no tribunal dois promotores.

Mais um amigo se presta gentilmente a esclarecer-nos. Ele nos diz:

«O promotor não podia funcionar naquele julgamento por ser official mais moderno (embora da mesma graduação) do que o réu Carlos Lopes, capitão-médico. Por isso foi nomeado um promotor *ad hoc*. O 1.º assistiu ao julgamento por a lei assim o determinar quando se dê a hipótese em questão, podendo prestar esclarecimentos, etc., ao promotor *ad hoc*. O que não

pode é *acusar*, visto o réu ser officia mais antigo ou de graduação superior. E' o que dispõe, salvo erro, o Codigo do Processo Penal Militar».

Pois sim. O Codigo dispõe e já ha muito nos tinham informado de tal. O que não impede que continuemos a achar a razão pouco convincente, porque a justiça militar de mais afiado espadagão e mais cega ainda que a civil, não necessita de semelhantes contrasensos para conceder a qualquer o quinhão que lhe pretença.

Decididamente: o promotor complementar, e salvo o devido respeito pela espécie humana — foi para as subidas

Republicanos inquisidores?

Dizem de Guimarães que se atribuem ali á policia atos gravissimos, verdadeiramente inquisitoriais. Assim, para arrancar a confissão a um preso, prenderam-lhe as mãos numa prensa, esbofetearam-no e bateram-lhe depois com um cavallo marinho, de que ainda conserva vertijios, apesar de passado um mês. Esse preso esteve tres dias sem alimento e no segredo muito tempo. E a um velho de 70 anos interrogaram-no á bofetada.

Que ha de verdade em semelhantes revelações?

Evanjelismos

Numa aldeola dos arredores de Augsbourg (Bavièra) havia na sala da escola official um quadro anatomico representando o esqueleto e a musculatura do homem.

O cura, indignado por se darem ali ás creanças lições de anatomia científica em vez de lhes dizerem que Evá foi feita duma costela do pae Adão,

conseguiu que esse quadro «imoral» fosse substituido por... belezas pictorico-sagradas.

Mas o comité da escola reconsiderou e as coisas voltaram á primitiva. Tanto bastou para que no seguinte domingo o bom pastor fizesse á hora da missa uma terrivel prédica contra os quadros «imoraes»... da anatomia.

Que tal? Eles ás vezes não são apenas más; são burros tambem.

E' assim mesmo

Proclama um articulista que só os socialistas terão a hombridade precisa para traçar no parlamento, ou em qualquer campo, o quadro preto e desolador que por aí vai de norte a sul. Não resta duvida. A atestá-lo aí anda o deputado M. J. da Silva.

O Mexico em Lisboa

J. de C. no *Mundo* põe esta errata á opinião do mesmo *Mundo* sobre a ação dos metodos de Porfirio Dias no progresso e bem estar do Mexico:

«O Mexico vai entrar num rejime que prevavelmente será uma nova edição do governo de Perfirio Dias».

Nem a liberdade, nem o bem estar, nem o direito das massas lucrarão com isso».

Agora pode passar.

Outro poder mais alto

Parece que se deu aí um assalto á Associação de Juventude Catolica, e parece que, increpado o governo pelo facto, o ministro do interior assim se sacudiu.

Trata-se dum caso policial, com que o governo nada tem, como não tem nada com um incendio ou facto analogo.

O quê! temos a policia armada em poder do Estado, independente e irresponsavel?

Necessidades

Segundo o cidadão Viriato Teixeira, os socialistas precisam do maximo de liberdade e de pão e do minimo de coação e de miseria, precisam que a Republica progrida e seja a primeira a fazer Republica a dentro da propria Republica, de forma que ela se torne social.

Pois o sr. Afonso Costa os favoreça!

Um petardo

A *Luta*, de 8, inseria a noticia — que não encontramos em nenhum outro jornal — de dois trabalhadores de uma freguezia do concelho de Estarreja se entregarem ao fabrico de petardos e um destes haver explodido. E acrescentava que o administrador partira para o local e ali apreendera documentos concludentes de que os fabricantes professam ideias anarquistas.

Documentos concludentes? Só se eram os *Dois crimes* do sr. Brito Camacho!

Benções e... gestos

Um jornal clerical publicava ha dias um estenso e *pedoso* artigo de combate contra herejes, maçons e pedreiros-livres. Rematava a cantilena uma tirada dirigida aos fieis, lendo-se logo ao começo: «Pedi a Deus que vos abençoe». Mas um pouco adiante, meia duzia de linhas, se tanto, lia-se: «E' o Senhor que nós abençoaos».

Uma confusão de benções que ninguém se entende. No meio de tanto gesto provavelmente, apenas se distinguirá o de S. Francisco...

Que risiveis!

RESPONDENDO A UM INQUERITO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

Meus amigos:

Chamado a terreno para emitir a minha opinião sobre o debátidíssimo problema das relações entre o *sindicalismo* e o *anarquismo*, se estas duas palavras significam sistemas sociais ou estados (*status*) sociais diversos e por ventura antagonicos ou se, pelo contrario, se completam, e quiçá, se corrijem, e tendem para o mesmo fim, eu não tenho duvida em espôr-lhes sinjelamente, mas comprovadamente, a minha opinião e, sem a estulta pretensão de *armar em pontífice*, dizer o que penso sobre tal assunto e assim responder ao inquerito iniciado pela *Terra Livre*.

Os assuntos sociais são muito complexos, os fenomenos que eles abranjem andam de tal maneira emaranhados na pratica que difficilmente se podem isolar, destacar uns dos outros. Ao contrario da fisica em que podemos separar nitidamente um fenomeno ótico dum fenomeno acústico, em sociologia os seus diversos fenomenos são inestrincaveis; cruzam-se e entrecruzam-se numa reciproca influencia; só á custa dum poderoso esforço de abstração e de método de observação é que podemos destacar o fâtor predominante de certo fenomeno social e fazer uma classificação de fenomenos sociais. A interdependencia dos factos sociais é de tal ordem intensa que difficilmente se pode indicar um acontecimento social que não seja a resultante de factores economicos, familiares, artisticos, scientificos, morais, juridicos e politicos. Toda a actividade social tendo por base o territorio e a população, gira entre dois polos: a vida economica — a mais simples e mais geral de todas as funções sociais — e a vida politica — a menos geral e a mais complexa dessas funções.

Ora essa complexidade é ainda mais frisante e torna-se excessivamente ezajerada em virtude da falta de preparação mental para a compreender.

A ciencia social é a mais moderna de todas as ciencias. Até aqui o que tem imperado em materia social é o empirismo. Não se tem procurado organizar a sociedade conforme a ciencia; tem-se vivido na discussão de metafisicas... A sociologia está ainda na sua mocidade; só ha pouco atinjiu a epoca da puberdade. Os cérebros humanos, porem, ainda não se adaptaram ao seu estudo *sui generis* e não podem, por consequencia, aprender a *vê-la*, a *observá-la* sem erros, sem deficiencias ou sem ezajeros. Não veem como ela é, como eziste, mas sim como se habituaram a *vêr* os outros fenome-

menos, isto é, sob um criterio simplista, unilateral e, não raras vezes, pessoal. Ao cerebro humano habituado, por uma hereditariade secular, ao estudo de fenomenos simples, escapa-lhe, *não vê* os fenomenos complexissimos da sociologia.

Por outro lado, sendo os proprios individuos que estudam esses fenomenos, a substancia, a materia e a força desses fenomenos, sendo o estudo da sociologia uma como que auto-observação, em que o individuo é ao mesmo tempo objeto e sujeito do estudo, o resultado é que a paixão cega-o muitas vezes e leva-o a parcialismos contrarios ao espirito cientista que deve presidir ao estudo de problemas que para se imporem carecem sêr tratados com verdade. Em vez de se encarar objetivamente os problemas, vemo-los tratados na maioria das vezes subjetivamente, conforme sentimentalismos, pontos de vista particularistas, ideosincrasias, e até, sectarismos.

A completar todos esses motivos de confusão ha ainda a linguagem usual. As ideias avançam mais do que as palavras; somos obrigados correntemente a aplicar termos velhos a ideias novas e como os individuos não estão prevenidos nascem aqui mil e um equívocos e dentro em pouco ninguem se entende.

É frequente vêr surgir uma discussão entre dois individuos que estão de acordo. Para isso basta que um interlocutor esteja a discutir um problema sob o ponto de vista *do que é*, dos factos, e o outro o discuta sob o ponto de vista *do que deve ser*, do ideal. E se ambos se não apercebem que estão encarando o problema sob diversos aspectos, a discussão eternisa-se, enerva-os, apaixona-os, entra, afinal, no campo pessoal — que é a morte da verdade e o predominio do erro. Por muita razão que haja, ela deixa de ezistir logo que se passa a ver uma pessoa em vez dum ideia, dum teoria, dum doutrina, dum ponto filosofico.

Destas erradas interpretações surjem tambem concêções pessoais, exclusivas; é vulgar ouvir-se e lêr-se definições, doutrinas, principios que não são nada do que certas palavras representam como sintese dum conjunto de ideias.

É certo que ninguem pode livrar-se de que alguém afirme contrasensos, paradoxos, bobozeiras, e atribua intenções falsas e fins erroneos ao falar sobre as diversas correntes do idealismo sociologico, e, ainda, que invente para uso proprio um socialismo, um associacionismo, um sindicalismo ou um anarquismo *sui generis*, mas o

que é certo tambem é que esses *inventos*, essas opiniões flutuantes, que andam á mercê dos subjêtivismos pessoais, se costumam apresentar não como *uma maneira pessoal* de encarar um assunto, mas como sendo a suma verdade, encarada objetivamente. Daqui a confusão...

Não se diz: *eu penso, eu julgo*. Diz-se autoritariamente, e com o maior desembaraço: *isto é assim, isto deve ser assim*.

É justo dizer-se que muitos procedem deste modo porque não teem educado o seu cerebro na tolerancia que nasce da ciencia, mas nem porisso o efeito deixa de sêr a prejudicialissima confusão habitual em que vivemos quando se pretende esclarecer um problema social.

Criterios subjêtivos encarados como objetivos, eis a causa das perturbações, de todas as confuzões em que nos debatemos.

Para que, portanto, não nascam do que vou dizer novos motivos de confusão, eu quero, antes de espor o que penso sobre o objeto do inquerito, estabelecer o criterio que vou adotar, isto é, sob que aspecto vou encarar o problema. Sem a pretensão de esclarecer, hei de, pelo menos, tentar o mais possivel por não confundir mais o assunto, pondo as coisas no que eu julgo sêr a verdade.

Assim os sinceros, os bem intencionados deverão, para me compreenderem, colocar-se no mesmo ponto de vista em que me vou colocar para observar o problema. Quanto aos não sinceros, aos mal-intencionados... *je m'en fiche!*...

O ideal social nasce ou do desespero de quem vive uma ezistencia cheia de sofrimento, de dôr, de miseria e que sente, naturalmente, a necessidade e tem a consciencia do direito de uma vida melhor, mais justa e mais bela, ou de convicções sociais derivadas do estudo científico da sociologia.

No primeiro caso, o ideal sociologico é mais um sentimento do que uma ideia, é mais uma forma estetica do que científica. É essencialmente negativista, destruidora e a parte reconstrutora tem por base a intuição da verdade nascida, não do saber, da reflexão científica, mas sim do bem e do belo. O *ideal do bem* em contraposição ao mal do presente, leva a grande maioria da humanidade sofredora a pressentir e a consubstanciar-se intuitivamente no ideal de justiça e verdade que a ciencia faz futurar por meio das suas leis e previsões.

No segundo caso, ele nasce do raciocinio, do estudo, da observação auciliada pelos conhecimentos que a ciencia fornece aos estudiosos. É uma ideia, uma convicção, uma resultante de induções, e é im-

põe-se ao cerebro como sendo *a verdade*. Não é o dó ou o desespero da fome que lhe faz nascer a simpatia pelo ideal. Não! É a convicção, é a ideia — não o sentimento — de justiça. *Aderem á verdade*, simplesmente e nada mais.

Para os primeiros, a realização do ideal é a vida; para os segundos, a verdade e a justiça!

Os primeiros revoltam-se e contentam-se em saber que o quadro que idealizam da sociedade futura, é a concretização do seu bem-estar, do direito que lhe assiste á vida.

Os segundos revoltam-se igualmente, mas sobretudo para destruir a mentira social e não se contentando com o que satisfaz os primeiros, querem mais, querem saber sobretudo se esse ideal de bem estar e de justiça é apenas uma aspiração ou se está ou não conforme a ciencia social, se êle traduz *todas* as previsões sociologicas e se está de harmonia com as induções que nos dão os factos historicos.

É sob este ponto de vista que eu vou encarar o problema.

Não me escudarei com opiniões de autores que por ventura possam ser apodados de sectaristas, nem partirei das diversas idealizações, metafisicas ou não, para o campo dos factos fazendo-lhe depois a critica.

Não quero saber do que diz ou tem dito este ou aquele propagandista, por muita consideração científica que me mereça, nem este ou aquele sofista que tem adulterado consciente ou inconscientemente o que significa sindicalismo e anarquismo. Deixo-os de lado, — não porque desprese ou discorde da necessidade e sempre util propaganda sincera, mas porque me quero manter fóra de qualquer influencia pessoal e livre da suspeita de querer fazer sectarismos.

É ao invés que vou proceder. Partirei da observação dos factos, farei analizes e induções e destas tirarei sinteses e deduições.

Não irei *arranjar* adrede argumentos para justificar uma sintese, uma deduição puramente feita, já arquitetada.

O *facto sociologico* será o nosso ponto de partida; guiados pela historia e pelos sociologos que teem constituido a ciencia social e que não podem sêr acoimados de proselitismo, como Conte, Spencer, Giddings, Gumplowicz, Vaccaro, Letourneau, Guyau, De Greef, Novicow, Worms, etc., para não citarmos outros, tentaremos chegar ao ideal previsto pela sociologia e vêr então se êle está ou não conforme o ideal que anima o proletariado e os pensadores libentarios.

Adotarei por tanto o criterio sociologico, sem outra preocupação que não seja estar com a verdade, sempre baseada e corrigida pelo facto historico

—o método, por excelência, da sociologia.

O passado e o presente da humanidade são uma linha réta; prolongá-la é, encontrar o futuro. A evolução humana diz-nos qual é o ideal para que caminhemos. A observação das sociedades presentes dão-nos iguais prognósticos. Os raciocínios, as doutrinas, as teorias dos sociólogos e as leis sociais descobertas por eles confirmam e completam a nossa convicção, o nosso critério social.....

Mas, amigo, a *Terra Livre* é pequena e não deve tratar só deste caso. Para a semana continuarei e entrarei propriamente no assunto. O que fica dito é apenas um preambulo que julguei necessário...

Lisboa, 10 de Março de 1913.

Adolfo Lima.

Os "bandidos trajicos"

Ultimos pensamentos de Carouy

A minha felicidade consistiria: 1.º resolver o problema economico; 2.º lutar contra os meus proprios defeitos para me fortalecer fisica e moralmente, gozar dos meus sentimentos sem me deixar dominar por eles e amar intensamente sem diminuir a minha individualidade.

Eu não peço muito: um ano feliz, de alegrias, sem sobresaltos. Seria o primeiro da minha vida e não me importaria que fosse o ultimo.

Fico mortalmente triste quando contemplo da minha cela os raios do sol que debucham caprichos fantasticos nas vidraças do edificio que tenho em frente... Ontem, por exemplo, passei duas horas refletindo e admirando de muito lonje a bela reverberação do astro; mas para que pensar nos ardentes fogos d'este formoso sol que eu tanto amo?

Eu não posso traduzir em palavras os gritos do meu coração. Possuir um temperamento irresistivel ao amor e á espanção, desejar o aperto de mãos amigas e ver-me encerrado n'estes muros por tão longo tempo!... Oh! que horriavel tortura!... Os homens que julgam, deviam ter vivido a minha vida, e, se podessem vencer-se de que a prisão faz o homem mais perigoso e vingativo, procurariam não exercer tão barbara represalia sobre os que fatalmente delinquiram por não terem podido desenvolver livremente a sua vida.

Não quero deixar-me cegar pelo ezito da minha defeza. Lonje de mim, esperanças locas e vãs iluzões. Eu não quero sonhar. Prefiro aguardar com calma o meu fim...

... Mas tudo o que eu escrevo não servirá para transformar a situação dolorosa.

A minha debil voz não será ouvida. Sentir-me-ia satisfeito se soubesse que era o ultimo a sofrer, o ultimo a ser encerrado nestas prisões desmoralizadoras.

... Não pretendo um premio para a minha virtude; nada mais digo do que isto: que os julgadores vivam a minha vida e digam depois se é possivel permanecer-se honrado quando se tem fome...

França e Alemanha

Manifesto dos partidos socialistas

Contra a guerra e o militarismo

Os socialistas democráticos alemães e franceses acabam de publicar de comum acôrdo, com as assinaturas das comissões dirigentes e dos grupos parlamentares, um manifesto contra a loucura dos armamentos e as ameaças de guerra. Damos algumas passagens:

«Os socialistas dos dois países tem o direito de se considerar como intérpretes, ao mesmo tempo do povo alemão e do povo francês, quando afirmam que a massa dos dois povos, por esmagadora maioria, quer a paz e tem horror á guerra. São as classes dirigentes que, dum lado e do outro da fronteira, provocam artificialmente, em vez de os combater, os antagonismos nacionais, atizam a hostilidade reciproca e desviam assim os povos, no seu país, dos seus esforços de civilização e da sua batalha emancipadora.»

«Os socialistas da Alemanha e da França já desmascararam, pela sua conduta no passado, o jôgo duplice, o jôgo pèrfido dos patrioteiros e dos fornecedores militares dos dois países, que evocam aos olhos do povo, em França, uma pretendida complacência dos socialistas alemães pelo militarismo, e na Alemanha, uma pretendida complacência dos socialistas franceses pelo mesmo militarismo.»

«A luta comum contra o nacionalismo, de um e de outro lado da fronteira, o esforço comum por uma união pacifica e amigável das duas nações civilizadas devem pôr fim a esta artificiosa burla.»

Não são inúteis estas declarações, esta propaganda e agitação; muito pelo contrário. Os meios de evitar um conflito internacional, preconizados no manifesto — os do chamado «pacifismo» — é que nos parecem bem dêbeis e anódinos.

Que cinismo!

Quem não está com hipocrisias, honra lhe seja feita, é o *Statist*, um dos principais jornais financeiros de Londres. Calculando os ganhos e perdas da guerra turco-balcanica, o órgão dos abutres conclue:

«Evidentemente, as perdas dos Estados balcanicos foram grandes. Mas quem as suportará? Os camponeses: Ora isso não entra em linha de conta. Os sofrimentos dos pobres não são materia de contabilidade (*sic*). O comércio mundial não se ressentirá, pois, do facto de o aldeão bulgaro ou sérvio comer pão mais ou menos branco que de costume.»

Que tal?

Esta franqueza é, afinal de contas preciosa. Assim a ouvissem e meditassem todos aqueles que, em caso de guerra, tem que pagar as contas do pleito—sem que o «comércio mundial» sofra coisa alguma!

GEÓRJICAS

Ao trabalhador rural

IV

Já deves ter compreendido que é mais justo, e sobretudo mais proveitoso aos homens, pertencer tudo a todos, pois tudo é obra de todos, e trabalharem todos para proveito geral.

Todos por um e um por todos, é como deve ser; e não um contra todos e todos contra um, como é hoje, pela razão de estar em poder de poucos tudo o que é preciso para trabalhar e viver: terras, casas, máquinas, arados, sementes, materiais, fábricas, celeiros, frutos e tudo o mais.

Como já te disse, teu amo ganha com a carestia e com a fartura de braços desocupados e por isso baratos. Se não pode ganhar, vender caro, deixa as terras por cultivar, suspende os trabalhos aumentando assim a miseria e as necessidades dos pobres. Quantas vezes não apodrecem os frutos no pé ou no celeiro, porque os preços não conveem ou não deixam lucro! Bem se importam os proprietarios com as necessidades do povo: o que eles querem é ganhar. Mas, sendo tudo de todos, todos tem interesse em haver que chegue para todos, em produzir o bastante e aproveitar bem os frutos.

—E aquele que tem uma nesga de terra e que a trabalha por suas mãos? dirás tu talvez.

Sim: esse, coitado, vive do seu duro trabalho. Mas como vive mal! Labuta como um escravo, sem meios, quasi só com os braços e a enxada, e não é menos escravo nem mais rico do que tu.

Ele podia juntar-se a outros nas mesmas condições, e depois ajudarem-se todos, comprarem máquinas. Alguma coisa haviam de lucrar com isso.

Mas não muito, em quanto se produzir para vender. Quem precise não falta; o que falta é quem possa comprar. Nos campos e cidades, o povo vive em geral dum paga, dum salário, que não chega para comprar tudo o que é necessario, pois esse salário representa só uma parte, ás vezes bem pequena, daquilo que o povo trabalhador faz. Se as coisas se vendessem pelo custo—quer dizer, pelo que ganha o trabalhador, mais o que é preciso para sementes, alfaias, máquinas, obras e serviços de utilidade geral—nada ganhariam os mandriões e os que fazem coisas escusadas e ate daninhas: a corja sem conta dos capitalistas, acionistas, patrões, amos, especuladores, intermediários, banqueiros, fiscais, guardas e defensores armados dessa gente, emfim todos os que vivem da carestia, tornam a vida cara, reduzem o poder de comprar do pobre, gover-

nam no trabalho e nas necessidades dos outros.

Por isso é preciso que todos possam á vontade satisfazer as suas necessidades—ao menos as principais: a comida, a roupa e a casa—e que todos se empreguem em serviços uteis, aproveitando tudo o que ha, com a grande ajuda das máquinas.

Então, ainda poderá haver quem teime em amanho por suas mãos o seu pedaço de terra: mas decerto verá logo que é melhor pôr tudo em comum e trabalharem todos juntos e combinados, para ganhar tempo, abrandar o trabalho e fazer mais.

Em cada localidade ou região, todos os mistéres e officios se organizarão, se associarão, fazendo cada uma dessas associações o que do seu officio for preciso para todos: os agricultores fornecerão o trigo os frutos, o gado, a lã, o linho os produtos da terra necessarios; os moajeiros e padeiros moerão a farinha e fabricarão o pão que se precisar; os tecelões, alfaiates e sapateiros vestirão e calçarão a gente; os pedreiros, os carpinteiros e os marceneiros farão as casas e os moveis suficientes; e assim por diante. De modo que todos terão o preciso, cada um consumirá conforme as suas necessidades, com um trabalho muito mais leve e curto do que hoje, sem precisão de amos, nem sequer de dinheiro. Todos serão ao mesmo tempo amos e trabalhadores, todos sócios da mesma empresa, todos igualmente necessarios. E os velhos, doentes e crianças estarão a cargo de todos.

Para alcançar isso, precisas de te associar já aos teus iguais, de disputar desde já aos amos o pão e o descanso, de aprender os teus direitos, de conhecer bem o teu trabalho. Ninguém vos valerá, se não vos valerdes vós mesmos. E não te fies nos politicos, que tudo prometem para apanhar o teu apoio e o teu voto. Todas as leis que eles fazem, quando não são contra ti, não se podem praticar, pois é o rico quem tudo pode e quem manda nos politicos, nos governos, nos juizes e nos policias.

Compreendeste-me, não é verdade?

Não fui tão claro como queria, nem te expliquei senão uma pequena parte do que tinha para te dizer. Mas tu reflétirás e encherás as falhas, tu continuarás a ler e a meditar nas coisas lidas e aprendidas, e irás depois comunica-las aos teus irmãos no trabalho, pesando-as e discutindo-as. Na tua linguagem chã, á hora do descanso ou da merenda, ou em torno da lareira, hás-de lhes dizer melhor o que lhes toca de direito e o que da sua união, do seu trabalho e da sua força podem esperar para bem de todos.

FIM

Neno Vasco.

UMA CAMPANHA JUSTA

Em favor dos presos por questões sociais

A Republica e os operarios

O que faz o operariado organizado?—A solidariedade impõe-se!—O processo e julgamento dos rurais de Coruche

Nas prisões da republica continuam detidos, por motivo de questões sociais, perto de 100 homens da maior parte dos quais a justiça se esqueceu absolutamente! Começámos, logo no primeiro numero de *Terra Livre*, com esta campanha que entendemos necessaria e que teria certamente resultados animadores, se ela tivesse sido secundada por todos os nossos jornais e por todos os nossos camaradas, pelo menos com igual persistencia e com identico entusiasmo.

Não tem acontecido assim, infelizmente, e não sabemos porquê. Que faz o operariado organizado em presença das violencias ezercidas sobre tantos irmãos seus? Que faz o operariado organizado perante este esquecimento a que a justiça tem votado os camaradas presos deixando-os nas prisões mezes seguidos? Esquece-os tambem? Colabora com a autoridade? Colabora com a justiça?

Bem sabemos que não. Mas o seu silencio, a sua inercia pode ser tomada á conta de colaboração com os proprios inimigos, e embora assim não seja, ó que é certo é que os resultados são os mesmos.

Nada se tem feito e muito havia que fazer. Mas ainda estamos a tempo, pois, se um ou outro processo se vai arrastando e nos faz ver a apromociação do julgamento, outros ha que permanecem parados ou de que não ha o minimo sinal.

Dissemos aqui que era necessario levar a campanha, dos nossos jornais, para a praça publica. A esta ideia acudiu entusiasticamente um camarada de Vidago, cuja carta publicámos, alvitrando a realização de comicios em toda a parte onde houvesse camaradas que os promovessem. Era isto ezequível e teria resultados certos. Devia mesmo fazer-se; e, sem humildade, sem servilismo, sem sombra de nada disso, pelo contrario, com altivez, com desassombro, aproveitando a ocasião para pôr bem a nú as infamias praticadas, reclamar *amnistia para os camaradas presos—imediate liberdade para eles*.

A solidariedade impõe-se, camaradas!

O processo dos trabalhadores rurais de Coruche—detidos no Limoeiro ha 4 mezes—vai agora a caminho, devendo o julgamento fazer-se no dia 31 deste mez, na Boa Hora. São seus advogados os camaradas Campos Lima e Sobral de Cam-

pos. Este ultimo, foi ha dias áquella localidade inquirir as testemunhas de acusação, dando-se nesse ato coisas muito curiosas. Assim, quando o juiz substituto—que interrogava as testemunhas em vez do subdelegado que é um farmaceutico alheio absolutamente aos assuntos juridicos—via que a testemunha não dizia o que elle queria, ficava contrariado e não escondia tal contrariedade. Manifestava-a bem claramente por estas palavras: «O senhor não viu mais reu nenhum? Pois e pena!» «E' mau que não saiba mais nada...».

Estão aqui a ver a imparcialidade da justiça... E' que este juiz substituto foi o mesmo homem a quem os trabalhadores rurais, já fartos de serem enganados por ele em varias coisas, voltaram as costas quando ele lhes ia a falar duma janela da camara municipal...

De Manuel de Azevedo—aquele camarada que foi perseguido e agredido por uma malta de caceteiros por não haver tirado o chapéu quando na Avenida se tocava «A Portuguesa»—recebemos a nota da culpa que só agora—decorridos seis ou sete mezes!—lhe foi tomada.

E' um documento que vai merecer a nossa atenção e de que falaremos brevemente.

Medicos e Medicina

A profissão de medico é, na sociedade actual, uma das que gosam de maiores simpatias entre todas as classes.

E como não ser assim se o papel do medico é procurar uma maior soma de bem estar para a humanidade, fazendo desaparecer todos os males que presentemente a afligem e transformando cada homem num ser forte, capaz de vencer na luta que dia a dia tem de travar com seres vivos doutras especies e com os corpos brutos, para conquistar na terra, como especie, o direito á vida? Sim, o papel do medico é belo e o seu campo de actividades vastissimo!

Mas terá o medico, até agora, desempenhado á risca o papel brilhante que lhe está por natureza destinado? Ou terá pelo contrario, perdida a noção do seu natural destino, caminhado por atalhos que quando muito o poderão conduzir a um bem estar individual e instavel? Como encaram hoje os medicos a sua profissão?

Não penso uma unica vez neste assunto que não me lembre logo duma historia que me contava a Maria da Luz, uma velhota que detestava muito cordealmente os medicos e que se vangloriava de, apesar dos seus cabelos brancos, nunca ter tomado um remedio de botica. Pois a tal historia da Maria da Luz, que não resisto á tentação de lhes contar, dizia assim:

«Era uma vez um medico, que vivia numa aldeia muito pobre. Não lhe faltavam doentes para tratar pois havia-os na aldeia em grande abundancia; como estes, porem, eram muito pobres e na maior parte dos casos nada lhe podiam pagar, o medico lutava com grandes dificuldades, tanto mais que tinha um filho estudante de medicina, a quem tinha que mandar as mezadas e frequentes vezes dinheiro para livros.

Ora aconteceu que um dia por felicidade do nosso medico, um rico proprietario lá da aldeia deu uma queda e espetou, não sei por que artes, uma espinha num olho. De todos os seus doentes era este o primeiro e o unico que na aldeia lhe podia pagar bem.

E o medico que, dizia a Maria da Luz, bastava ter arrancado a espinha para que o doente continuasse a ver como dantes, compreendeu que todo o seu interesse estava ezatamente em que o doente se não curasse para que continuasse a necessitar diariamente dos seus socorros; e não lhe tirou a espinha.

De então por diante a situação economica do medico melhorou consideravelmente e o doente, apesar das diarias promessas de que *em breve estaria curado*, continuava na mesma, senão peor.

Foi por esta ocasião que foi pela primeira vez á ferias o filho do medico, que cursava já então o quarto ano de medicina. E como o pai estivesse doente foi o rapaz fazer o serviço de maior urgencia. Um dos primeiros doentes que visitou foi o tal proprietario que tinha a espinha no olho. O rapaz depois de ezaminar cuidadosamente o estado do doente é de ter dado pela presença da espinha, procedeu á extração desta. Logo que a espinha foi arrancada, o doente começou a ver e dentro de pouco tempo estava curado.

O medico é que, logo que soube, pela boca do filho, da cura que ele praticara, foi aos arames! Que o rapaz era um estúpido, uma criatura sem senso pratico, etc., etc. Que ele bem sabia que a espinha estava lá, mas que aquella espinha era o seu ganha pão, e que agora curado o doente voltaria a ter as mesmas dificuldades que a principio, que muito provavelmente o rapaz teria de interromper os estudos

por o pai não lhe poder mandar mais mezadas, etc.»

E' isto, pouco mais ou menos, a historia da Maria da Luz. E contei-a porque acho uma grande analogia entre o procedimento deste medico para com o seu doente e o procedimento do medico—classe—para com o doente—sociedade.

Com efeito, não vemos da parte da classe medica esforços serios para acabar com os diferentes males que afligem a humanidade. E isto porque actualmente o medico, numa lamentavel (e quasi sempre inconsciente, atavica) estreiteza de vistas, toma o doente pela doença, isto é, o sintoma pelo mal e limita-se em regra a curar (?) doentes, quando o seu papel é esterminar doenças pelo ataque directo ás causas que as produzem.

A orientação actual da classe medica não deve admirar-nos; um ezame mesmo superficial da questão, mostrar-nos-á que o medico tem todo o interesse em conservar as doenças. O seu bem estar será, em geral e dentro de certos limites, tanto maior quanto peor for o estado de saude da humanidade.

Sobre este assunto deixem-me citar-lhes a opinião de um profissional, o dr. Hericourt, que publicou, na Biblioteca de Filosofia Cientifica de que é director Gustave le Bon, o seu livro «As fronteiras da doença». Diz ele a paginas 257:

«Quem não terá ouvido esta observação deveras humilhante para os medicos:

Que singular profissão essa em que se vive do mal dos outros, e em que se está contente quando os doentes são numerosos!—Está satisfeito?»

Tem agora muitos doentes? taes são os cumprimentos que toda a gente se julga obrigada a dirigir ao medico. E na realidade é preciso um certo endurecimento profissional para não ver a ironia, mesmo inconsciente, de semelhante pergunta todavia banal.»

Mais adiante diz Hericourt: «Que o medico se compenetre desta verdade, util para o publico, honrosa para ele, que deve viver da saude, do bem, e não do mal dos outros.»

Hericourt, medico illustre, é pois de opinião que o medico tem vivido, e vive ainda hoje, do mal do procimo; a sua profissão é portanto, pelo menos como é interpretada pela quasi totalidade dos medicos, imoral e anti-social.

E com a seguinte curiosa revelação de Hericourt fechamos este artigo: «—que está averiguado hoje em dia, que as tres quartas partes dos medicos não podem *honradamente* viver das doenças.»

No procimo numero continuaremos tratando principalmente da moralização da profissão medica.

Aurelio Quintanilha.

(estudante de medicina).

CONTOS E VERSOS

Durante a greve

De Charles-Albert.

Natural do paiz do Trabalho Livre, o meu companheiro admirou-se do espetáculo que oferecia então, um pouco por toda a parte, a cidade do Capital.

—Que estão a fazer—me perguntou—aqueles operários imoveis, em duas filas, como que ligados ao solo, enquanto os outros vão e veem apressados e parecendo poucos para a tarefa? Porque é que em vez desses fatos de lã grossa e de côr viva, não vestem eles também uma blusa de pano branco que lhes deixe o corpo mais desembaraçado e mais livre para o trabalho? E porque é que eles se não servem da ferramenta que teem na mão, como os outros se servem da trolha ou do martelo?

—Esses, respondi, não são trabalhadores, são soldados. A lamina que lhes vês nas mãos, não é um instrumento de trabalho, é uma arma. Não é para talhar a pedra nem para caldear a argamassa que eles a teem; é para rasgar a carne humana. E' somente contra os peitos palpitantes da vida que eles teem de fazer uso dela.

«Ha pouco tempo ainda, todo um ruído mundo de trabalhadores animava esses telheiros. Mas um dia, tendo-se combinado, os construtores de casas decidiram abandonar o trabalho. E, temendo que eles venham fazê-lo abandonar também aos seus camaradas, esses soldados ali estão, prontos a fazer uso das suas armas...»

A estas palavras, novo espanto se desenhou no rosto do meu companheiro, que exclamou:

—«Como pôde haver homens—a não serem os estropiados ou doentes—que prefiram a ociosidade ao trabalho? Subtrair-se ao trabalho? Em que natureza perversa pôde nascer tal desejo? O trabalho! Pois não é ele, em toda a parte, o uso natural da vida, o interesse da vida, a própria vida? Não é ele o dispêndio necessário da força armazenada nos nossos músculos, o emprego da inteligência adquirida pelo nosso cérebro?»

«Pois quê?! Esses homens aprenderam um officio! Que de prodígios de paciência e de vontade eles não fizeram por isso! Gosaram as maiores alegrias da vida, as alegrias do esforço util, do esforço vencedor! E podem viver agora afastados dele! Ha anos já costumados, como estavam, as suas mãos a acariciar os mesmos instrumentos, e pôrem-os agora de lado!»

Entusiasmava se cada vez mais o estrangeiro, e na sua surpresa havia já uma como que cólera:

—«Onde se escondem esses desertores do trabalho, esses

traidores da cidade, esses que tendo prometido construir aqui uma casa, abandonam o trabalho, sem o terem concluído? Ousarão eles, depois de se terem esquivado á sua parte de encargos sociais, suportar o olhar de seus irmãos? Eles que recusam aumentar a riqueza comum, ousarão ainda levantar alguma coisa sobre essa riqueza, para as suas necessidades? E que responderiam eles, se o tecelão e o padeiro lhes perguntassem: «sem perder um dia nós amassamos e cozemos o vosso pão; sem perder um dia tecemos o pano de vossos fatos, e porque é que a nossa casa não está pronta? Sim, repito, que responderiam eles?»

Retorqui então:

—«O trabalho de que falas não o conhecem os homens desta cidade. Não é para dar ezerção aos músculos e ao cérebro, não é para uma tarefa escolhida, amada e compreendida que eles manejam pesadas ferramentas ou pequenos instrumentos, ou que se aplicam ás máquinas. Os produtores desta cidade obedecem a ordens dadas grosseiramente, e obedecem quasi sempre sem saberem porquê. Estão no trabalho como os cavalos a que os antolhos nada deixam ver para a direita ou para a esquerda, fóra do caminho traçado. Não são trabalhadores, são escravos. Vendo esses párias no trabalho dir-se-ia que espiam duramente cada dia o crime de alimentar os seus irmãos, de os vestirem, de lhes construirem as casas.»

«Nunca eles pensaram que é do seu labôr que se alimenta toda a vida da cidade. O princípio da sua atividade, a razão do seu esforço por vezes sobrehumano não estão no orgulho de se saberem uteis. Só a fome os estimula, porque não se lhes permite que comam, antes de terem acabado toda a tarefa. Todas as tardes, em troca das maravilhas saídas de suas mãos, é-lhes concedido um pouco de má alimentação para eles e para os seus.»

«Os homens desta cidade não são trabalhadores, são salarizados. Mourejam dia a dia, sem descanso e não enriquecem com todo o labôr acumulado. O unico que enriquece é o amo, o patrão. E desta enorme riqueza, junta á riqueza da véspera, ele só dá ao salarizado o estritamente indispensavel para que recobre forças para mais um dia de servidão, para mais um dia de exploração.»

«Contra este trabalho sem repouso e sem nobreza, este trabalho que cança o corpo e macula a alma, em que não ha outra regra a não ser o capricho do mais rico, outro mobil além do grito brutal da fome, comprehendes agora que os homens desta cidade se revoltam por vezes? Sim, desertam das obras, abandonam as oficinas—até que a fome os reconduz á coleira da miseria, como reconduz a besta de carga ao jugo. Eis o que entre nós se chama greve. E não são, como julgas, os peores cidadãos, os preguiçosos, os egoistas, os insociaveis que se põem em greve. São, pelo contrário, os melhores, aqueles cuja inteligência e coração não podem aviltar-se sempre em trabalhos de tarefas estupidos, aqueles cujo orgulho se revolta contra a esmola que se lhes lança, todos os dias, como a mendigos.»

«Sim, nós não temos outro meio de afirmar o nosso respeito e o nosso amôr ao trabalho, a não ser o de nos rebelarmos contra ele, traí-lo, abandoná-lo. Lembra-te disto, estrangeiro. Tu verás entre nós muitas inconsequencias, tu sentirás mais de uma vez a tristeza. Pois nunca melhor poderás medir a estensão da desgraça em que nos mantem assassinos e ladrões.»

Desta vez o meu companheiro comprehendêra, e já se dirigia aos escravos que tristemente trabalhavam, querendo ensinar-lhes o caminho para a cidade do Trabalho Livre, quando os soldados lhe apontaram as armas ao peito...

VENCER

Só uma vez a morte vence a vida e muita vez é escrava e não senhora, só uma vez a vida é vencida depois de tanta vez ser vencedora.

A vida mata a morte a cada instante, cada instante de vida é um combate onde a vida vencedora em rebate se gloria na vida palpitante;

Só fera morte a dá a cobardia que é bem cobarde quem não quer lutar, quem fecha os olhos p'ra não ver o dia;

vive mais quem a luta crer e a amar do que vive o que deixa essa alegria de olhar a luz para melhor olhar.

ARAUJO PEREIRA.

Páginas alheias

Não sou anarquista; mas quando percorro as páginas da historia e contemplo a serie interminavel de abusos, violencias, crimes e atentados que a paixão, a inveja, a ambição, o odio, a soberba disfarçados, de razão de Estado, perpetraram em todos os tempos as conquistas barbaras, as repressões sangrentas, as guerras devastadoras, os assassinatos políticos, os regimes de opressão, as perseguições, as proscricções, os patibulos, as fogueiras, —pregunto a mim proprio com assombro como as sociedades humanas teem podido sobreviver á repetição incessante de tamanhas atrocidades, e assalta-me a duvida de se não será o poder o peor dos inimigos do direito e a autoridade mais tirana do que tutora dos rebanhos que apascenta.

Não sou anarquista; mas ante o espectáculo da sociedade tal como a tem formado a historia: instituições anacronicas e absurdas vivendo da velocidade adquirida; a direção comum posta nas mãos dos mais audazes ou afortunados; a violencia como supremo recurso do governo; a força de todos exercida por alguns, que são por isso de facto, (pese a todos os convencionalismos democraticos) donos e senhores dos outros; a razão outorgada sempre ao mais forte; a lei do embuste criada em Constituição interna; a educação transformada em um meio de deformação dos espiritos para adaptá-los ao ambiente; o sentimento religioso convertido em monopolio de uma Igreja que faz d'ele seu negocio e adora a Deus pane lucrando; a riqueza outorgada pelo azar, adquirida pelo desmerito, consagrada a manter o ocio e o vicio; o amor prisioneiro, como em estreito carcere, no matrimonio indissolúvel... duvido se a civilização não terá sofrido estravio; se a humanidade não terá feito como dizem os francezes, falso caminho, e se não seria mais facil, em vez correjir organização tão defeituosa, fazer de tudo tabua rasa e empreender de novo o imenso trabalho dos seculos.

Não sou anarquista; mas em presença d'esse Leviatán que se chama Estado, com sua constituição, suas leis, seus codigos, suas ordens, seus officios; com a sua administração, sua burocracia, sua força, seus tribunais, suas prisões, seus cadafalsos e seus verdugos, todo ele tão poderoso para o mal, todo para o bem tão impotente; em presença dessa instituição que tem por lema o direito e por pratica a violencia; que não persuade, que não ampara, que não defende mas que impõe, coibe, reprime, castiga; em presença desse monstro que devora todos os anos mil milhões para manter os seus parasitas e não dá em troca instrução, nem proteção, nem socego, nem paz, nem gloria, nem justiça, nem pão; que rouba o voto ao cidadão e logo o mete na cadeia; que despoja o contribuinte e logo o fusila, ponho-me a pensar que é que poderia perder a sociedade vendo-se livre desse cancro chamado Estado.

Não sou anarquista... isto é, nunca julguei que o fosse. Mas considerando bem e feito exame de consciencia, talvez resulte que seja um anarquista sem o saber.

Alfredo Calderón.

Prevenimos os nossos assinantes da provincia de que já enviámos para o correio os recibos das suas assinaturas.

Aos nossos agentes mais uma vez pedimos que liquidem imediatamente as suas contas relativas aos numeros já publicados devendo-nos remeter as sobras com indicação do nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

Pelo mundo da Arte

MUSICA

Concertos sinfônicos no Salão da Trindade

Com o início dos concertos sinfônicos no salão da Trindade abre-se uma cisão nada banal, na orquestra Blanch que ha duas épocas tem feito afluír ao «Republica» um publico avultado que bem se póde dividir em dois grupos; o mais numeroso que constitue a parte *snóbica* e outro (infima minoria) que anda esfomeada de boa musica que lhe afaste um pouco a atenção dos acontecimentos quotidianos, da politica indijena. E, como quer que a cisão a que aludi, possa representar um maior ou menor beneficio para nós, conveni não deixar de criticar justamente a ação dos concertos Blanch, na sua influencia de vulgarização musical.

Para isso bastará passar em revista o que a orquestra nos deu a ouvir, salientando tudo aquilo com que nos faltou.

De Beethoven, o inconfundível sinfonista, tivemos tres sinfonias; a 5.^a a 7.^a e a 8.^a e, se é certo que destas a primeira tem um certo relevo de execução, as outras duas, melhor era que não se chegassem a pôr na estante.

Porque não nos deu antes, Pedro Blanch a sêsta (pastoral)? Alem de mais acessível no seu naturalismo, seria de certo mais corretamente interpretada, dadas as condições da sua orquestração, em melhor harmonia com alguns dos napes da orquestra, que nos varios andamentos têm parte mais predominante.

Wagner teve mais larga representação. Desde a sua primeira maneira até ao apójeu do seu genio extraordinario — *tetrologia e Parsifal* — ouvimos trechos em que a ousadia do mestre foi dominada pelo agrestismo dos metais (nem todos) que por vezes pareciam abrir um sulco profundo no estuque das paredes do teatro. O mesmo diremos do *scherzo* da 5.^a de Beethoven.

Esse andamento, duma beleza incomparavel, devia impressionar-nos como se fôra um sôpro! Tal não sucedeu.

Seria fastidioso enumerar as peças ezecutadas. Contentar-nos-emos em perguntar ao sr. Blanch o motivo por que nos não permitiu apreciar Mozart, Mendelson (fôra de *romances sans paroles*) e Bach esse celebre «*patriarca da fuga*».

Em vez de nos obrigar em duas audições a ouvir a pretenciosa e ezotica sinfonia do «Novo Mundo» porque não ensaiou trechos sinfônicos de mestres modernos, de alto valor, como Cesar Frank, Charpentier e Straus? Na propria

musica russa, esqueceu-se de *Borodine*, o maior de todos os compositores slavos.

Se José Henriques dos Santos, nos seus concertos da «Trindade» fôr melhor orientado e menos industrial, tem agora um raro ensejo de nos dar essas compensações.

Parece-nos que assim pensa, pois no seu primeiro concerto figurou uma obra de Mozart, e *Coriolan* de Beethoven.

N. de B.

«Da porta da Europa»

E' este o titulo dum livro que Neno Vasco, nosso amigo e camarada de redação, vai brevemente pôr á venda. E' uma coleção dos seus melhores e mais interessantes artigos e crônicas versando variados assuntos de carater economico, politico e religioso — artigos que na sua maioria tem sido publicados em jornais brasileiros e que são, portanto, desconhecidos da maioria do nosso publico.

Escritos todos eles com muita naturalidade e clareza, sem jogos malabares de palavras retumbantes e complicadas, eles mostram sempre a critica serena, embora profunda, do nosso camarada e a serenidade estrema que ele põe sempre em tudo o que produz. Bastantes dos seus artigos são nossos conhecidos e podemos assim avaliar bem justamente o que será o seu livro: um livro com que todos terão a aproveitar e onde se encontrarão aliadas a inteliencia e a bondade.

Revista dos jornais

O cumulo da oratoria

Os leitores nunca leem o «Diario das Sessões» da Camara dos Deputados?

Pois não sabem quanto perdem. Aquilo é mais desopiantante que todos os jornais humoristicos cá da terra. Para amostra aqui lhes oferecemos esta peça oratoria que estraimos dum dos seus ultimos numeros:

«O sr. Ezequiel de Campos: — sr. presidente: Começo por pedir desculpa ao sr. deputado Jacintho Nunes, e tanto mais pezaroso o faço por tel-o interrompido, e peço tambem desculpa á camara porque parecia que estava com cócegas na lingua para falar.

Não é assim; o meu unico empenho n'esta casa é fazer obra depressa.

O sr. Jacintho Nunes: — Agora está fôra da ordem. (Risos).

O orador: — Mas entro na ordem; e, invocando para mim o art. 105 § 1.º do Rejimento, tenho a dizer que faço apenas uma declaração de voto.

Voto contra o projecto.

Tenho a declarar á camara que não sou proprietario; não tenho de meu, no futuro, senão sete palmos de terra de comprido e dois de largo para me enterrarem. Não tenho eira nem beira; sou um perfeito vadio; mas isso me levará a mudar de vida.»

Como veem, os leitores, é um verdadeiro *bocadinho de ouro* de eloquencia parlamentar. Custou 3\$333 réis é certo ao Zé... E' um pouco carinho lá isso é... mas o que é bom custá dinheiro, não é assim?

OH! AS REPUBLICAS!...

EMIGRAÇÃO PARA O BRAZIL

«Trabalhadores! não emigreis enquanto não estiver abolida a lei de espulsão e garantidos os direitos inerentes aos cidadãos.

Assim o proclama a Federação Operaria de Santos.

Da Federação Operaria de Santos recebemos a circular que abaixo publicamos chamando a atenção dos trabalhadores da razão portugueza para as estorsões e violencias de que são victimas os proletarios que para ali partem em busca de dias melhores, de trabalho melhor remunerado.

A' imprensa diaria que nestes ultimos tempos tanto se tem alarmado com o ezodo cada vez maior de trabalhadores para o Brazil, chamamos tambem a atenção para esta circular em que se descreve o espantoso e triste destino que aos colonos o capitalismo brasileiro auciliado pelas autoridades daquela republica lhes reserva.

Esta Federação cumpre o dever de levar ao conhecimento dessa entidade e trabalhadores em geral que tudo quanto se tem dito sobre a espantosa situação dos colonos procedentes da Itália, Espanha e Portugal, e ainda dos próprios filhos do país, que aqui labutam, é um pálido reflexo da triste realidade.

Nos campos os fazendeiros têm os imigrantes submetidos á antiga escravidão da gente de côr, agravada com o facto de que, não tendo de realizar com êles negócios lucrativos, isto é, vende-los em público leilão, tão pouco se importam de que a miséria, a fome e o excesso de trabalho continuem causando entre êses infelizes uma mortandade incrível, cujos claros são rapidamente preenchidos pelos continentes *de refresco* que diariamente se apresentam a oferecer os seus braços, sem saber o perigo que correm.

Obrigados a vejetar e a morrer nas choças de ramagem e palha, dizimados pelo incalculável número de enfermidades tão frequentes ou melhor permanentes, neste climas insalubres e mortiferos, não conseguem ao menos perceber recursos para adquirir camas e roupas de abrigo, e por isso, durante as poucas horas de repouso, aglomeram-se sobre o pavimento terreo em promiscuidade horrível.

Esta situação insuportável predomina porque as condições de trabalho impostas pelos fazendeiros, juntamente com os preços que os mesmos estabelecem aos gêneros de primeira necessidade, e que os colonos são forçados a comprar nos armazens dos patrões, não lhes permitem alimentar-se com outra coisa que uns magros feijões deteriorados, com mandioca e, de quando em quando, com carne sêca em decomposição.

Quanto mais tempo trabalham mais ficam devendo ao amo, porque além da carestia dos comestíveis, estes são adquiridos com cadernetas, onde os administradores escrevem números a granel. Porém, se apesar de tudo isso, algum colono se julga com direito a alguma remuneração, os velhos

escravocratas mandam ás suas maltas de capangas, matadores de profissão, fazer-lhes o pagamento a tiro.

Como consequência do privilégio e irresponsabilidade de que os negreiros gozam, pôsto que além de ricos proprietários são os que envergam ou dominam a investidura da autoridade, da lei e da justiça — e que justiça! — que os fazem senhores absolutos, donos de vidas e fazendas, violentam, sem escrúpulos algum, as espôsas, as filhas e até os filhos dos trabalhadores, mandando moer a golpes e meter na cadeia os que tem a altivez e a coragem de protestar.

Como único meio de salvação, os colonos fojem, com as suas famílias, das fazendas a altas horas da madrugada, porém poucas vezes conseguem pôr-se a salvo, porque quasi sempre são alcançados pelos capangas e pelas forças policiaes que os fazem retroceder, não sem fustiga-los a facão e a rebenque, ou trucidá-los barbaramente.

Nas cidades o elemento operario sofre as mesmas consequencias. Nos Estados em que os gêneros não são demasiado caros, os salários não passam de 1\$000 ou 2\$000 por dia e onde se faz alarde de grandes salários de 3 ou 4 mil réis não se pode viver, porque não chegam para atender á metade das despesas mais indispensáveis. E para prova basta dizer que o quilo de carne bovina é de 800 a 1\$000; o de pão 400, e uma habitação de 6 ou 9 metros quadrados, um cubículo sem ar e sem luz, custa a brincadeira de 40 ou 50 mil réis mensais de aluguel.

Devemos acrescentar que a maior parte das classes operárias, as quais são empregadas nos trabalhos do campo e do transporte, só tem serviço quatro ou cinco meses durante o ano.

Os patrões e os feitores tem a policia á sua disposição, e até por antipatia ou por capricho fazem prender e açoitar os trabalhadores, embora sejam empregados seus, como outrora os senhores faziam com os escravos e os servos.

A burguesia, e com ela os poderes constituídos, mau-gra-

do as suas roupagens republicanas, liberais e democráticas, estão em pleno estado de selvajismo, e tem para o operário a mesma consideração que os escravocratas tinham para com os homens de cor caçados por seus sequazes nas costas africanas.

Ainda hoje se trocam homens por galinhas, como há pouco aconteceu no território do Acre, onde as autoridades assassinaram grande número de ezilados sem motivo algum, e venderam por qualquer preço outros que faziam parte da multidão de vítimas dos manejos políticos ou das vinganças patronais procedidas contra os que conhecem e reclamam seus direitos.

O encarceramento, a expulsão e os massacres de trabalhadores, de homens dignos, amantes da liberdade são o estado permanente das relações entre o Capital e o Trabalho, entre o governo e o povo.

Os lares proletários são a cada passo assaltados pelas ordas policiais e as famílias destruídas e espezinhadas, como o sabem fazer estes ascetas degenerados.

Em consequência destas e de outras infâmias, e do despertar proletário iniciado, finalmente, nas modernas ideias de emancipação social, tanto os colonos como nós trabalhadores das cidades tratamos de organizar-nos para a defesa da nossa vida e da nossa dignidade escarnecidas, ao mesmo tempo que para resistir contra a desonra das nossas famílias.

A constituição jurídica deste país autorizava algumas liberdades que relativamente permitiam este movimento rejeitor, porém os protervos representantes do Estado não tardaram em demonstrar-nos que essas liberdades eram para enfeitar os pergaminhos da lei, não para serem levadas à prática. E as reuniões públicas e privadas foram dissolvidas à baioneta, assembleias em péso foram levadas ao cárcere, e os trabalhadores martirizados ou assassinados nas enxovias.

Os bravos que com a pena ou com a palavra se dedicaram com entusiasmo à grande causa do trabalho, à propaganda contra a moderna escravidão, foram perseguidos, ezilados, deportados e espancados com furioso assanhamento.

Sómente desta cidade (Santos) já foram expulsos uns 20 trabalhadores.

Os jornais e manifestos são sequestrados pelos esbirros, e presos os companheiros que os editam e distribuem. As sedes sociais são assaltadas, e destruídos os seus moveis e bibliotecas.

Para os trabalhadores não há garantias constitucionais; pela nossa condição de proletários, estamos considerados fora da lei. Não há pois liberdade de imprensa, de palavra, de associação nem de reunião, nem

tão pouco existe a de domicílio e trânsito.

Os filhos do país são tratados de negros ou caboclos não por causa da cor, senão pelo interesse de lembrar-lhes a sua passada escravidão e convencê-los da sua inferioridade ou animalidade, e despertar neles o atavismo das antigas e abjetas humilhações.

Os trabalhadores estrangeiros são cognominados com os epítetos desprezíveis de carcamanos, galegos ou gringos.

A palavra migrante é sinônimo de escravo e miserável.

São incontáveis as vítimas destes negreiros, para quem a abolição da escravatura foi um sonho amargo que passou, e consideraram-se com o direito de dispôr das pessoas plebeias como nos tempos da gleba.

Há algum tempo o Estado forjou a iníqua lei de residência, a qual faculta á policia deportar a todos os homens laboriosos que não se adaptem ás condições impostas pelos exploradores, ou, o que é o mesmo, com os bárbaros procedimentos dos fazendeiros e patrões.

E' assim que muitos tem sido deportados por simples indicação dos potentados, sem nenhuma forma de processo.

Como se isto não bastasse, as camaras legislativas acabam de fazer á referida lei certas emendas, segundo as quais de nada vale ser o trabalhador casado com mulher brasileira, ter filhos nascidos neste país, nem os anos de residência e títulos de propriedade, para ser expulso em virtude de mera determinação policial.

Já se deram casos em que alguns grandes proprietários, pretendendo usurpar as terras e outras propriedades de pequenos lavradores ou proprietários, mandaram expulsá-los para fora do país, o que foi levado a efeito sob a simples acusação de serem "perigosos", apesar da sua conduta exemplar, não lhes dando sequer tempo para levar alguma roupa, e ficando os seus interesses nas mãos dos caluniadores conluídos com as autoridades. O mesmo aconteceu com a ferramenta dos operários, que a policia vende para divertir-se nos bordéis.

E' certo que isto já acontecia antes que a lei sofresse essa modificação, adicionada com a penalidade de 4 anos de prisão para os que, tendo sido deportados, voltarem novamente a este país; porém agora os espoliadores poderão estorquir á vontade, dentro da ordem e da lei.

Com referência ao esforço que fazem para atrair para aqui a corrente imigratória, não é porque haja falta de braços: o que aqui sobram são trabalhadores para todo o trabalho, não sómente do Brasil mas de quasi toda a América do Sul. O unico fim que guia estes senhores é o aumento de capi-

tal com as poucas moedas que os imigrantes traseem, é o aumento de consumidores que desenvolvam o comércio, a valorização dos produtos e das terras e o crescimento da terrível concorrência dos trabalhadores na oferta de braços, o que lhes permite reduzir os salários, aumentar as horas de trabalho e intensificar o labor, sacrificando vilmente o proletariado nas estenuantes tarefas e impossibilitando as suas reivindicações.

Empenhados como estamos em repelir este rejime de infâmias, esperamos que essa entidade, como todas as outras sociedades operárias, divulguem o mais possível a triste situação dos trabalhadores e colonos no Brazil, afim de que não embarque nenhum trabalhador para este país, enquanto não estiver abolida a lei de expulsão e garantidos os direitos inerentes aos cidadãos.

E' preferível que os trabalhadores fiquem nos logares onde se encontram, a virerem para aqui servir de pasto da estorsão e violência destes escravocratas modernizados, e vítimas dos sabres dos capangas e polícias.

Também acharíamos conveniente que boicotassem os produtos brasileiros, principalmente o café, até que nesta nação sejam respeitados os Direitos do Homem.

Desejando completo êxito nesta campanha de solidariedade, de justiça e de emancipação, saúda-vos fraternalmente a

Federação Operaria de Santos

Crônica internacional

EM FRANÇA

o governo apressa a votação das leis militares — regresso ao serviço efetivo de 3 anos, crédito de 500 milhões — para não dar tempo à oposição popular de se formar e desenvolver. E' um ataque de surpresa, como outros de que vários governos nos tem dado o exemplo.

A imprensa burguesa tem nisto desempenhado bem o seu papel de quarto poder do Estado, a serviço da finança e do alto patronato, como os outros. Trombeteia as mais leves manifestações de patriotismo guerrreiro, vindas sobretudo dos que tem tudo a ganhar com os armamentos, o militarismo e a guerra; e cala mesmo os mais vibrantes protestos. Ezajera as forças e disposições bélicas da Alemanha e as debilidades da França. A opinião é emfim sobreescitada e vilmente enganada, para vantagem de grossos interesses. E assim é que os novos encargos vão ser votados, antes mesmo de se saber qual será o aumento de efetivos resolvido pela Alemanha, quais os seus novos armamentos! E' a prova provada dos segundos fins dos «patriotas.»

Entretanto a C. G. T., o partido socialista democrático e os anarquistas tratam de criar uma ajitação no país.

NA HUNGRIA

a greve geral que fôra decidida pelos socialistas democráticos para a conquista do sufrágio universal e que devia estalar no dia 4 do corrente, isto é, quando entrou em discussão o insuficiente projeto de reforma apresentado pelo ministério ao parlamento,

essa tão anunciada greve geral foi, á última hora, adiada indefinidamente.

A razão alegada pelo partido social-democrático é que «sem o concurso parlamentar da oposição inteira, a greve geral não poderia triunfar!» Apoiada numa força militar imensa — 60 mil homens concentrados, so na capital — a ditadura das oligarquias húngaras sufocaria em sangue o movimento. Mas a social-democracia, senhora do movimento operário, declara que continuará os preparativos para melhor oportunidade. O que não impedirá o inimigo de considerar este adiamento como um recuo.

Esta conquista favorecerá indiretamente, por meio da experiência democrática, o desenvolvimento das ideias revolucionárias, autonomistas e federalistas no movimento operário e a declaração da independência da organização sindical em face dos partidos políticos.

NA BÉLJICA

como na Hungria, parece que já se não realizará a greve geral para obtenção do sufrágio universal. No dia 6 do corrente, foi tomada esta decisão:

«O Conselho nacional do sufrágio universal e da greve geral, tomando em consideração os esforços dos burgomestres das grandes cidades e a sua declaração de que nada desdenharão para obter do governo o estudo do problema revisionista, querendo, por uma suprema tentativa de conciliação, permitir aos burgomestres e ao governo que procurem com toda a liberdade uma solução pacificadora, declara sem efeito a deliberação que decretava a greve geral para 14 de abril.»

Na Bélgica, como na Hungria, a greve geral foi ajitada como um espantinho, talvez mais eficazmente no primeiro país, onde a massa empurrou os chefes social-democráticos, reacios da ação. Foi por verem a decisão do povo que os burgomestres e algumas corporações conservadoras se mexeram.

As reflexões a fazer são as mesmas que a respeito da Hungria. Aquirida uma sufficiente experiência democrática, a Bélgica operária poderá enfileirar ao lado da França, onde o movimento sindical, sem se separar por tendências, é independente dos partidos, predominando nele cada vez mais a tendencia federalista livre (sindicalista revolucionaria, ou «anarquista operária», como se diz na Suíça.)

NA RUSSIA

inauguraram-se as festas do tricentenário dos Romanoff, no meio das mais rigorosas e extraordinárias medidas policiais de precaução em torno da pessoa sagrada do tsar.

Vê-se que este não confia muito na eficácia apaziguadora da amnistia parcial por êle concedida e dos milhões distribuídos como esmola aos pobres, explorados e oprimidos.

Já aqui dissemos em que proporções se acumulam os presos nas cadeias e fortalezas russas: para cima de duzentos mil!

A amnistia concedida abranje os delitos de imprensa cometidos até 6 de março e autoriza a reintegração dos estudantes deportados por terem assistido a reuniões proibidas. Os condenados á morte viram a sua pena comutada na de 20 anos de trabalhos forçados. Os russos que voluntariamente se espatriaram podem regressar ao país. São reduzidas as penas por infrações aos regulamentos de ordem pública e a duração da vijilância policial dos suspeitos. A amnistia só é total para os delitos de lesa-majestade e de imprensa, prisões administrativas e desordens de estudantes. Quanto aos delitos políticos, a amnistia é parcial, havendo redução segundo a gravidade dos casos.

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

Vulgarização científica

A origem do Mundo

por G. Moitet.

Ao afrontar um assunto tão vasto e complexo como "A origem do Mundo", não é meu propósito pronunciar, qual novo profeta, uma palavra imutável e consagrada. Quero somente difundir este pensamento: que as questões mais arduas podem ser facilmente discutidas, e que em presença dos esforços, hoje como nunca redobrados, dos sacerdotes e dos homens da igreja, é necessário destruir aqueles argumentos factuais de que os pobres de espírito não podem defender-se.

Qualquer que seja a sua instrução primitiva, todo o homem cujo pensamento não se limita à vulgaridade da vida, tem perguntado a si próprio: donde procedem estes mundos espalhados na imensidade do espaço? Tudo é belo na Natureza; o Universo aparece como uma vasta *Harmonia*. Qual foi, na aurora dos tempos, a sua esplendida origem? Questão formidável entre todas e que ao primeiro exame parece que ha-de permanecer eternamente insolúvel.

Posto que nada nos transmite de um modo explícito e particular essa *esplendida origem*, é em vão que tratamos de ler sobre a pedra e o bronze a história dos primeiros alvares do mundo.

É necessário que recorramos às hipóteses.

Entre estas, duas se destacam e se diferenciam, tanto pela sua natureza como pelas suas consequências morais; uma da Religião, outra da Ciência. Elas constituem as duas únicas concepções que possuímos acerca da formação do mundo.

Ezaminemo-las guiados só pelas nossas forças baseando-nos neste axioma imutável: para julgar cientificamente e justamente uma coisa é necessário fazer no cérebro *tabua rasa* das ideias e dos prejuízos que a hereditariedade, a educação ou o meio tem podido desenvolver, e não ter em conta senão as observações e a experiência; nisto somente residem as condições das serias e fundadas hipóteses.

Hipótese da criação

A que se reduz, em ultimo termo, esta hipótese?

Uma força existe desde a eternidade: essa força chama-se Deus. Este Deus onnipotente não tinha em volta de si senão o nada. De repente toma a decisão e executa. A matéria aparece animada de uma força imensa e os mundos se organizam preparando-se para escolher a raça privilegiada dos homens. Seja-me permitido di-

zer que se uma semelhante hipótese pode ser suficiente para aqueles que nunca procuraram no raciocínio lógico e justo a origem das suas concepções, aqueles para quem as perguntas e respostas do catecismo constituem a verdade imutável, certamente não o pode ser para os fiéis observadores da Natureza, para todos aqueles que recorrem à ciência.

Que é então uma criação? Todos sabemos que um ser vivente provem de um jermen, que os mais violentos cursos d'agua são causados pela condensação das nuvens, que um edificio procede da reunião dos materiais recolhidos no seio da terra. Sim, nós sabemos tudo isto; mas, quando, então, os homens viram sair *alguma coisa do nada*? E se não assistiram nunca a este incompreensível e admirável fenomeno, com que direito o pozeram na sua hipótese cosmogónica? Se os sonhos, os mais loucos, podessem bastar á explicação de todas as cousas desconhecidas, não concebemos qual seria o limite das imaginações descomedidas...

Por outro lado, a hipótese da criação é insuficiente por si mesma. Ela é impotente ante as infinitas objeções que se lhe fazem. Deus é, diz-se, a providencia, a intelligencia perfeita; donde resulta que o nosso mundo devia ser perfeito e constitue, não uma simples obra mas a obra por excelencia e devia então subsistir sempre.

Explicai agora porque é que Deus, ante tão bela concepção, deixou transcorrer quasi meia eternidade antes de dar existencia ao criado? E seguindo na mesma ordem de ideias, não demonstrou a geologia de um modo indiscutível que a Terra se formou em sedimentos e estratos sucessivos?

A Terra foi uma massa em fusão; os corpos mais peizados tendiam para o centro, enquanto que os mais leves: silicio, aluminio, potacio, sodio, calcio, se solidificaram rapidamente ao esfriamento da superficie e constituíram a primeira crusta solida.

O hidrogenio e o oxigenio da atmosfera combinaram-se, condensaram-se e caíram diluviando sobre a crusta já formada. Esta, animada por convulsões gigantesças, fende-se, levanta-se e as aguas avançam, recuam... e entretanto depositam aqueles terrenos sedimentarios que são os mudos testemunhos das idades passadas.

Tarde, muito tarde, aparece a vida! Este largo periodo de evolução calcula-se em milhões de seculos. Cabe aqui perguntar: como pôde o ser onnipotente limitar-se a uma criação assim, tão *trabalhosa*, quando, afinal, com um só ato da sua vontade teria podido abater os obstaculos e criar duma só vez os mundos perfeitos, sem lu-

tas, sem os esforços duma evolução tão lenta?

A força acompanha sempre a matéria e a matéria nunca se nos apresenta sem nos fazer sentir a sensação. Não existe força sem matéria, nem esta sem aquela; a ideia de peso, de calor, de magnetismo, de electricidade, de luz, associa-se imediatamente no nosso espirito á ideia de corpos peizados, quentes, magneticos, eletrizados, luminosos.

Porque aberração imaginaram a ideia de uma *força* independente da matéria, e desta força fizeram o ponto de partida do novo mundo?

No campo da ciência esta hipótese não encontra justificação alguma. Os homens poderiam acolher esta ideia quando a ciência não tinha penetrado ainda em todos os ambientes, quando o caminho da razão e do bom senso era ainda incerto; agora, no amanhecer do seculo XX, não é permitido separar a ideia da força da da matéria, e a hipótese duma força criadora deve e tem de ser considerada como um desafio lançado pelos seculos de ignorancia á razão humana.

É certo—responder-se-á. Porém observai ao menos a bela harmonia das coisas; vede os dias, as noites e os anos sucedendo-se periodicamente; olhai os seres vivos engrandecerem-se, desenvolvendo sempre mais os órgãos proprios a novas funções. Estendei a vista em volta de vós. Por toda a parte encontrareis a mesma harmonia.

Como podeis supor então, que para tanta ordem nos seres do universo não seja necessaria uma intelligencia suprema?

A isto respondemos que entendemos que os *equivocos* na ordem natural, que as *monstruosidades*, são mais frequentes do que geralmente se julga. Como podemos nós conceber a ideia da ordem e a ideia da desordem? Com o simples exame da ordem natural das coisas. Chamamos *ordem* a tudo aquilo que está conforme com as leis naturais; desordem, a tudo aquilo que constitue uma infração ás mesmas leis.

E querendo supor, por um instante, que as leis naturais tenham sido durante algum tempo o contrario do que hoje são, por força teremos que deduzir disto a rigorosa demonstração da existencia dum criador? Mas os teologos baseados na propria ciência invocam este argumento que lhes parece irrefutavel: "todas as ciencias demonstram a matéria rejida por leis; é assim que as leis de Kepler indicam as condições segundo as quais se verificam os movimentos planetarios, que a lei de Newton nos dá a razão de ser destes movimentos. Quer se trate da compressibilidade do gaz, das atrações e repulsões electricas, da irradiação do calor, em su-

ma, de todas as manifestações naturais, os fisicos encontram as leis precisas segundo as quais se produzem as manifestações dos fenomenos. Pois bem: toda a lei requer um legislador, e é a este legislador que nós chamamos Deus."

Isto podia ser certo se as leis científicas fossem da mesma natureza que as leis humanas. Mas elas não tem semelhança alguma. Os homens formaram agrupamentos politicos ou sociais baseados na força bruta ou num pretensio contrato social. Estabeleceram regras, chamadas leis, para garantir a existencia da sociedade. Estas regras caracterizam-se, no decorrer do tempo, pela sua continua instabilidade e por violações frequentissimas.

Apresentam ás leis científicas estes mesmos caracteres? Não; elas são inerentes á matéria imutavel no espaço e no tempo, e nenhuma deliberação, nenhuma maioria será capaz de as transformar!

Como então será possível pôr em paralelo as leis da ciência com as leis humanas desde o momento que a experiência no-las apresenta tão diversas e que esta ideia dum legislador supremo é tão arbitrariamente hipotetica como a ideia dum criador onnipotente?

Se a ideia de divindade é uma ideia inata, expressão duma verdade primeira, não teria ela apresentado ás gerações passadas a mesma forma e os mesmos caracteres? Que vemos nós em logar disto? Nos tempos primitivos tinham os homens admiração e espanto pelos fenomenos naturais, e os corpos materiais em que estes fenomenos se manifestaram eram objecto da veneração entusiasta ou receosa.

E aqui está o fetichismo.

Mas as observações foram mais numerosas, a intelligencia desenvolveu-se e então já não foram os *objectos* objecto de divinização mas sim os proprios fenomenos, ou melhor ainda, as forças que os produzem:—o politeismo com os deuses da mitologia.

Mas esta especie de republica celeste não podia satisfazer todos os homens; e então convencionou-se reduzir-se a uma só causa as causas multiplicas das manifestações da natureza. Assim nasceu o monoteismo.

Como acreditar então numa divindade que sempre foje e cujos caracteres se transformam com o progresso da humanidade?

A hipótese da criação não está de acordo com a ciência; ezaminemos em seguida a hipótese científica.

● Creio que devemos combater contra os poderosos sem calcular a sua força e sem preocupar-nos do que possa suceder depois do combate. A valentia não só consiste em desprezar o perigo, mas também em não querer vê-lo.— *Conde Caffiero*.